

SITUAÇÃO DO . . .

(Conclusão)

mista de Mário de Andrade. A atitude lírica, associada aqui, bem ou mal, àquela estética, já não significaria que o homem brasileiro possa estar às portas de "desistir de si mesmo", e sim que a sociedade brasileira, até agora, só deu terreno fértil e bem amanhado para uma arte que se pode chamar "microcós mica", onde o indivíduo — a parte — vem a ser maior do que o todo: o mundo que o abrange e envolve. Isso não significaria necessariamente desprezo a essa forma de ficção, que, se representa, porventura, uma arte menor, só o será no sentido genuíno, não pejorativo, da expressão.

A sra. Lúcia Miguel Pereira, no melhor estudo de história literária que já se publicou no Brasil, tem palavras que, a esse respeito, parece oportuno lembrar. "Sendô", diz, "de todos os gêneros literários o que mais se nutre da vida de relação, dificilmente poderá o romance atingir a culminância numa sociedade sem

estratificações profundas, de baixa densidade espiritual (...) O romancista será, como quer Mauriac, "le singe de Dieu", mas a sua liberdade criadora é limitada, condicionada por padrões que não lhe é dado alterar sem adulterar o sentido de sua obra. Tem a escolha das situações e dos choques, mas umas e outras hão de provir das normas da sociedade. Quando esta não possui fisionomia própria, quando tateia à procura de si mesma, precária se torna a tarefa do romancista".

O LONGO romantismo de nossa literatura, no caso de nossa literatura de ficção, deveu-se, segundo o mesmo historiador, a essa insuficiência de elementos romanceáveis, na sociedade brasileira do tempo da monarquia. A maturidade de Machado de Assis, e é apenas neste ponto que já me permiti discordar da autora, corresponderia ao amadurecimento dessa sociedade. Acredito, ao contrário, que a arte de Machado, também "microcós mica" a seu modo, formou-se a despeito das situações adversas que encontrou e retratou. Creio também que, se nossa sociedade pôde evoluir, de então para cá, no sentido de um maior cosmopolitismo e de uma complexidade maior, não deixou, contudo, de se conservar largamente aluvial, sem contornos definidos e sem a densidade necessária para alimentar, salvo casos excepcionais, uma arte social no sentido em que foi uma arte social o romance burguês europeu do século XIX e continua a sê-lo sua prole recente.

Remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1625 — S. Paulo.



SITUAÇÃO DO ROMANCE

Sergio Buarque de Holanda

FOI Mário de Andrade, se não me engano, quem lançou o primeiro brado de alarme contra o tipo de protagonista mais constante na ficção brasileira destes vinte anos. A procissão de malogrados e demissionários, que vem atravessando sem pausa nossa novelística, parecia-lhe sobretudo inquietante como sintoma possível de um mal de raiz funda, que não se deveria procurar nas modas literárias, ou nelas apenas. É toda uma sociedade, é o homem brasileiro de hoje, em suma, que estaria comprometido nessa literatura de desistência.

Pode-se supor que algum pensamento semelhante ocorresse ao sr. Graciliano Ramos quando, para louvar o livro recente do sr. Antonio Olavo Pereira, *Contra-Mão*, abordado, aqui, em artigo anterior, saudou nele a solução final, onde o triste personagem se desanuvia, depois de tremendo pesadelo, e prepara-se para despertar e viver. O desfecho não passa, em verdade, de um salto abrupto, que a leitura do livro não nos fez prever e cujas consequências não conhecemos. Mas bastará a última página da novela para livrar de todas as demais e ao autor de uma filiação mais do que provável a esse ciclo da desistência que, na opinião de Mário de Andrade, principiou a empolgar nossa literatura por volta de 1930? Mais acertado, segundo suponho, seria notar como, no momento preciso em que parece insinuar-se uma agitação e uma claridade redentora sobre essa água parada, é o novelista, por sua vez, quem desiste de seguir os passos do protagonista, e deixa cair o ponto final.

A razão dessa desistência do autor estaria nisto, creio eu, que a estética do bom êxito é fundamentalmente estranha ao tipo de personagem e de narração a que se votou, no seu livro, o sr. Antonio Olavo Pereira. E a que não deixaram de votar-se, em grande parte, nossos melhores escritores sobretudo romancistas, nestes vinte anos e mais. Pode-se mesmo acrescentar que essa estética é incompatível, a rigor, com toda literatura de imaginação onde a pluralidade das ações não seja contemplada e descrita — como em Balzac, por exemplo, e em alguns naturalistas — a partir de um ponto único, privilegiado e superior a elas.

O BOM SUCESSO de um indivíduo quer dizer apenas que ele soube acomodar-se ao seu mundo circunstante, quer dizer que a sociedade assentou nele como uma luva. Os conflitos perdem nesse caso sua intensidade, e com eles o elemento dramático e o romanesco. Nesse tipo de ficção, aquele que quiser viver sua vida, enquanto personagem, a perderá seguramente, para falar como nos Evangelhos. E quando o novelista deixa sua criatura no último degrau para o triunfo definitivo, isto significa forçosamente que lavrou uma sentença de morte; então só lhe cabe despedir-se do leitor com um ponto final. O mesmo, de forma diversa, foi expresso pelo romancista norte-americano Robert Penn Warren, nas palavras que põe na boca de um dos seus protagonistas. O homem que triunfa, dizia este, "oferece apenas uma superfície sem rugas e, em verdade, lisa como um ovo. Na medida em que o bom êxito lhe sorri, ele não tem história: é puro. Mas a poesia ocupa-se do malogro, das contorções, do desequilíbrio".

O protagonista diz simplesmente poesia. Poderia dizer lirismo e estaria mais certo. Se refletirmos bem é esta — lirismo — a palavra que se acha mais perto de definir, não a expressão, está claro, porém a atitude mais frequente entre nossos romancistas,

a partir dos anos de 30. E, em verdade, não apenas onde ela assume a forma introspectiva e fala na primeira pessoa, mas também onde se compraz na iluminação de graves problemas sociais, projetando-os sobre um fundo de tela colorido pelo regionalismo pitoresco. Não parece mais "positiva" aquela espécie de identificação emotiva entre o sr. Jorge Amado e o "Lumpenproletariat" dos morros e areias da Bahia, ou entre o sr. José Lins e o desamparo de uma casta condenada, do que o esteril enimesmar-se do tio Gonzaga na novela do sr. Luiz Jardim. Em tudo isto, o que termina em prevalecer é sempre o fundo de sentimentalismo nostálgico, de voumemborismo, e de desistência. E não sei ainda até onde é lícito separar dessa orientação duas obras que, em sentidos bem diversos, embora, e de certo modo antagônicos, parecem abrir exceção à regra geral: o romance cíclico inacabado, do sr. Otávio de Faria e o amplo painel histórico, também inacabado, do sr. Erico Veríssimo.

MAS se a estética da demissão e do fracasso é quase inevitável na obra de ficção que tenha o indivíduo isolado por centro empolgante ou objeto imediato, neste caso seria possível tentar corrigir o diagnóstico pessimo

(Concluí na 6.ª página)

Rio de Janeiro, Domingo, 14 de Janeiro de 1951

No estilo épico, a mobilidade e o contraste dos diferentes planos de ação e perspectivas vitais valem por sua simples presença e servem para conferir interesse à narrativa. Onde, porém, o tema dominante é o indivíduo solitário, ou mesmo onde uma única personagem vem a constituir o fulcro da ação desenvolvida — e é o que vem sucedendo com frequência nos nossos romances, sem exclusão dos romances "sociais", como os do sr. José Lins do Rego do *Ciclo da Cana de Açúcar*, em que toda uma sociedade parece espelhar e incorporar a si a desistência da personagem central — ele precisa claramente amparar-se em outros fundamentos.